

Editorial

08

O número 7 da revista *Língua-lugar* apresenta o dossiê “Visões de Eros” de Maria Araújo da Silva e Fernando Curopos, cujos textos, inéditos, exploram a temática do imaginário erótico. Retomando, de certa forma, a temática do dossiê do número anterior: *Masculinidades em Questão*, no que respeita a questões de género, sexualidade e divergência, dá-se seguimento a estas preocupações enfatizando-se o erotismo e o sensorial. Este tópico será, de facto, o fio condutor de todo este número convocando diversas áreas disciplinares.

Assumidamente anual, o que permite um acompanhamento mais ajustado à cadência dos trabalhos organizados pelo comité editorial presentemente, a estrutura da revista permanece a mesma: Dossiê, Varia, Lugar de Memória, Entrevista e Fora do Lugar integram este número.

O dossiê deste número é, portanto, dedicado ao estudo da política da sexualidade nas suas vertentes de literatura portuguesa e brasileira, usando a imagem sobre a escrita de Eros e o imaginário erótico nas literaturas portuguesa e brasileira como pano de fundo. Nascido de um estudo alargado de Maria Araújo da Silva e Fernando Curopos de um trabalho conjunto desde há vários anos entre a *Sorbonne Université* e a *Université Sorbonne Nouvelle*, sobre o imaginário erótico-subversivo e, talvez sobretudo, não hétero-normatizado, através da leitura de textos literários e obras visuais. A convite de Octavio Páez Granados e de Nazaré Torrão, que se têm, eles também, debruçado sobre matérias que conduzem a esta temática, nomeadamente o lugar da divergência e multiplicidade do que é corporal e sexualidade masculina como é o caso

de Octavio Páez Granados, e a percepção poética do corpo na literatura como o estudo Nazaré Torrão, foi realizada na Université de Genève em 2023 um colóquio intitulado “Um Eros Luso-Afro-Brasileiro”. O dossier deste número é o resultado desse encontro — junta o trabalho longo de 3 universidades francófonas focando-se no contexto onde a língua partilhada é o português.

Como introduzem Maria Araújo e Fernando Curopos, este dossier, composto por 5 artigos, repensa a *política do sexo* no contexto luso-brasileiro, as suas variantes e as suas representações. Ao centrar o que antes era considerado à margem, pensa-se a possibilidade ou o sentido de noções como obsceno, decente ou moral. Mais: procura-se em textos literários trazer-se à luz os trabalhos que as conjunturas políticas passadas e presentes procuram manter afastadas - fora de cena, como a palavra "ob-sceno" em si implica - como o explicam os autores. Pretende-se ler e entender nos textos o não normalizado, não desejando, ao mesmo tempo, uniformizar esse ímpeto.

O primeiro artigo do dossier é de Leonardo Mendes que estuda a divulgação editorial de literatura pornográfica brasileira dos finais do século XIX e início do século XX questionando de que forma o decoro social influenciou posicionamentos públicos sobre o mercado livreiro colocando à margem variadas práticas sexuais que se afastavam da norma social vigente. Ainda sobre o Brasil e sobre o período subsequente, o texto *“Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”: retratos em contraste de mulheres brasileiras no imaginário escravista* de Carla Francisco reposiciona os escritos de Gilberto Freyre sobre a defesa da miscelânia da mulher enquanto condição de sexualidade enfatizando qualidades misóginas que objectificaram o papel feminino.

Como que em resposta, um texto onde se pretende tratar a escrita de três autoras fundamentais para a valorização de género da mulher e seu empoderamento, agora no contexto literário europeu, Sónia Rita Melo, debate a escrita poética de três escritoras portuguesas, Maria Teresa Horta, Ana Luísa Amaral e Adília Lopes. Aqui a linguagem serve a identidade e as estruturas dominantes são frustradas pelo erótico poderoso e indomesticável — palavra transversal a vários artigos deste número.

Os últimos três artigos deste dossier são dedicados à temática queer e falam de bolhas respiráveis de identidades dissidentes. O texto de André Masseno fala-nos da relação queer com o corpo que dança, ou da relação de estranheza da comunidade disco que levou a uma reorganização da

10

identidade colectiva da sociedade brasileira dos anos 70, repensando a pista de dança como o lugar subversivo: ao mesmo tempo efémero e intemporal. Alexander Altevoigt percorre, no seu artigo, a negociação de identidades de género em *Trans Iberic Love* de Raquel Freire em que se conclui que mais que identificáveis, as identidades são mutáveis, ambíguas e necessárias.

Na temática queer fala-se da obra de Carlos Barahona Possollo que é observada em três momentos neste número da revista: o primeiro com o artigo no dossier sobre a sua pintura, a segunda vez pelas suas próprias palavras e a terceira vez pelo seu trabalho estético. O texto que integra o dossier é de Fernando Cascais que analisa as características estéticas sexualizadas da pintura do pintor reflectindo sobre as consequências políticas e sociais de um artista abertamente queer. A entrevista a Carlos Barahona Possollo por Octavio Páez Granados é um momento privilegiado para acedermos ao atelier *intelectual* que permite construir e dar sentido a universos que sem o artista, estariam separados: a mitologia, a sexualidade, a domesticação e a mistificação do corpo. Estes conceitos são depois revelados num terceiro momento com o díptico em Fora do Lugar: Ícaro I e Ícaro II.

Varia e Lugar de Memória deste número da revista levam-nos ao contexto português e ao período da revolução de Abril. Elsa Peralta com o texto “Memórias de partidas e de chegadas. Representações de Portugal e de África dos portugueses “retornados”” remete-nos para a situação das diferentes vivências da revolução consoante as geografias e identidades culturais ao analisar as reações, passadas e presentes, dos retornados a esse acontecimento maior da política portuguesa: que direitos e que papel para os figurantes do lado errado da história? É, de certa maneira, neste sentido também que Nazaré Torrão se dirige na secção Lugar de Memória. No seu texto “A revolução do 25 de Abril: memórias e sua transmissão” Nazaré fala das diferentes linhas ideológicas que se confundem e da difícil tentativa de delimitar na representação várias perspectivas que coexistem e que lutam desde então para perpetuarem a sua visão na memória colectiva do país.

Sofia L. Borges

DOI

<https://doi.org/10.34913/journals/lingua-lugar.2024.e1898>